

“Falamos muito nos médicos e nos enfermeiros mas toda a gente tem que se alimentar...”



Lavrador Octávio Melo



Lavrador Paulo Rita



Lavrador Roberto Ponte

importância a si próprios”, conclui o veterinário.

Faltam palavras de apreço

Para Paulo Rita, responsável por uma grande exploração agrícola, o sector da agro-pecuária e a voz dos lavradores e agricultores parecem passar “um pouco despercebidos”, quer na comunicação social quer no apreço dos governantes.

Por esse motivo, considera que “há falta de uma palavra de apreço dos nossos governantes para os nossos agricultores que se levantam todos os dias para trabalhar, porque também gostamos de ouvir estas palavras”.

De momento, considera que se está a lutar contra “um inimigo invisível” para o qual não há muita protecção, e embora existam mecanismos previstos pela Associação Agrícola de São Miguel para combater falhas que possam ocorrer na produção derivado ao vírus, as medidas de prevenção adoptadas passam essencialmente por evitar aglomerados de pessoas, o que ocorria de forma frequente antes de entrarmos no estado de emergência.

“Estou preocupado por causa desse vírus, mas temos que trabalhar todos os dias, temos que alimentar as vacas todos os dias e temos que ordenhá-las. (...) Evitamos ter muitos contactos a conversar uns com os outros, porque sempre se juntavam algumas pessoas a conversar e nós temos evitado isso, (...) e depois do trabalho vamos para casa porque está tudo fechado é a melhor coisa a fazer”, diz.

Octávio Melo, que gere explorações agrícolas em conjunto com os irmãos, confessou-se indeciso quanto ao valor que é atribuído pela população a este sector que funciona durante todos os dias do ano, pois embora reconheça que a pecuária e a agricultura são “fundamentais”, prossegue sem saber se estas

são profissões valorizadas pela sociedade.

“Às vezes penso que a sociedade reconhece o nosso valor, outras vezes penso que não. Mas não estou do lado de quem não produz, por isso não sei (...), mas o sector da agricultura é fundamental, sem alimentação não há vida.

Falamos muito nos médicos e nos enfermeiros mas toda a gente tem que se alimentar e alguém tem que trabalhar para estas pessoas. Quando vão buscar o seu queijo, o seu leite ou seu iogurte ou até as suas batatas não pensam nisto, mas e se este sector pára durante um mês ou dois o que é que vamos comer?”, questiona.

No seu caso, apesar de a produção continuar a decorrer como é suposto, labora actualmente com menos pessoal, não estando por isso em condições de “dispensar mais ninguém”, e apesar de estar a par das recomendações de prevenção feitas pela Associação Agrícola, “não sabe” se as medidas previstas serão suficientes para manter tudo a funcionar de igual forma.

“Há pessoas que trabalham sozinhas, não é o nosso caso, mas nesses casos é mais complicado porque há coisas que têm que ser feitas todos os dias, não dá para deixar para o dia seguinte. É complicado se uma situação de contágio chega a uma exploração como a nossa ou outra exploração qualquer, não sabemos o que pode acontecer e não sabemos como resolver esta situação”, diz.

Piquetes podem ser fundamentais em situação de contágio

Apesar de estar também preocupado com os impactos que a sua exploração pode vir a sofrer, Aristides Silva adianta que a sua principal preocupação no que diz respeito à propagação deste vírus está relacionada com a sua família e com as famílias de uma forma

geral.

“A família é uma preocupação primária. Preocupo-me porque tenho um filho médico a trabalhar directamente com esta questão do vírus, porque tenho um filho que é artista e que tem alguma dificuldade em perceber o mundo de hoje e esta situação do vírus e, claro, preocupo-me pela minha filha de 11 anos”, diz.

No entanto, e como tem consciência da importância da profissão que desempenha e representa, continua a sair de casa diariamente, tendo sempre a noção de que “tem que alimentar uma sociedade”, uma vez que a alimentação não pode parar.

“Nós agricultores temos uma bandeira extraordinária e eu espero que o mundo cada vez mais olhe para nós como uma fonte de energia que está na nossa maneira de ser e naquilo que fazemos”, diz.

Por esse motivo, defende que os lavradores fazem parte do grupo de profissões que é “digna de respeito e de consideração”, uma vez que “antes deste vírus, o mundo não estava a olhar para os agricultores e pensava mesmo que os agricultores seriam um mal, por se acreditar que as vacas têm influência na destruição da camada do ozono e na pegada ecológica”.

Defende que os tanto os produtores ligados à pecuária como à agricultura “fazem parte de uma sociedade, têm responsabilidades e estão cá para trabalhar, para dignificar cada vez mais a sua classe e para chamar à responsabilidade de todos, que unidos vencerão esta crise e este vírus, embora estejamos todos um pouco assustados”.

Assim, como segunda preocupação, estão os seus colegas de profissão, receando a eventualidade de uma família ligada a este sector ter de ficar completamente paralisada devido a uma infecção ou suspeitas da

mesma, defendendo assim a formação de um grande número de piquetes dispostos a intervir sempre que necessário.

“Numa situação destas, como ficarão os animais? E quem irá cuidar da exploração? Acho que está na hora de quer os nossos governantes quer os nossos representantes formarem piquetes e pessoas que possam actuar mais tarde nestes casos, porque só prevenindo é que podemos fazer alguma coisa”, diz.

“Se uma família de produtores ficar em casa de quarentena, tem que haver alguém que trate desses animais porque é de uma responsabilidade premente garantir o seu bem-estar”, tendo ainda em conta a grande fatia da economia açoriana que é baseada na actividade da agro-pecuária.

“Antes de tudo isto já havia falta de mão-de-obra para a agro-pecuária, e neste momento temos que unir esforços para que haja piquetes nos Açores para colmatar estes casos mais flagrantes. (...) Não basta dizer para as pessoas ficarem em casa e que não podem trabalhar porque há animais que precisam de ser tratados e que precisam de ser cuidados. Não podemos deixar os animais ao abandono”, reforça.

Neste sentido, afirma estar disponível para auxiliar famílias de produtores que eventualmente necessitem de algum tipo de apoio nas suas explorações, sem descartar o “papel fundamental” que as associações agrícolas têm que assumir neste momento.

Este sistema de piquetes, embora não seja exactamente o que é previsto pela Associação Agrícola de São Miguel, existe já em países como a Suíça, adianta Aristides Silva, salientando que naquele país “há piquetes e psicólogos para ajudar os agricultores, e temos que nos guiar pelos países que nos educam”, conclui.

Joana Medeiros